

Amor

O amor é como um veneno. É parte fraca do ser humano. É também o que o guia muitas vezes.

É como uma montanha russa a qual não temos absoluto controlo e que nos consome profundamente. Damos por nós e, de repente, sentimo-nos completamente afogados, no bom e no mau sentido. É incontrolável, mas é um completo controlador. Afeta a nossa forma de pensar, de estar, de gostar, os nossos próprios gostos.... Faz-nos pensar que vivemos num filme. Se é de romance ou de terror? Também depende dele.

Quando sentimos tudo isto, quando sentimos que estamos envenenados, torna-se perigoso, a cegueira leva-nos a extremos, deixamos de estar em nós e, de repente, tudo gira em volta desse estado de espírito.



O ser humano cria profundas relações em volta deste sentimento chamado de “amor”, as quais muitas vezes são para a vida, ou pelo menos assim se pensa. Mas se isso for quebrado, todo o mar de rosas vira um lodo de desgosto, de desilusão, de profunda tristeza. Somos deixados pendurados nos compromissos ao quais nos submetemos.

Afinal, para que serve? Para que existe o amor? Para se viver ainda mais em incerteza? Como se a própria vida não fosse suficiente... Para acharmos que realmente vivemos na Disney, mas nunca sabermos até quando, ou se é verdadeiro.

Mas calma, este é só um dos tipos de amor... O melhor? É o amor próprio sem dúvida. Esse, sim, é-nos vantajoso e, sim, depende de nós!

Portanto, antes de outro tipo de amor qualquer, o principal e essencial é o que devemos ter por nós mesmos.